

ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA CONCEPÇÃO DE MAGDA SOARES E DE PAULO FREIRE

Maria Aparecida de RESENDE¹
apresende2007@gmail.com

Tamiris Cristhina RESENDE
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)²
tamiriscristhina@gmail.com

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar a importância da leitura no processo de alfabetização de crianças de anos iniciais. Alguns elementos são essenciais no processo de alfabetização, dentre eles a escrita e a leitura. Estes últimos têm tido especial visibilidade nos últimos anos, à medida que se percebe a importância da leitura, compreensão e utilização da escrita em diversas situações. Além disso, compreender como melhorar esse processo logo nos anos iniciais é uma garantia de que a criança se desenvolverá aproveitando todo o seu potencial em todo o seu percurso escolar. Utilizou-se pesquisa bibliográfica para atingir os objetivos do artigo. Foram analisadas publicações de duas grandes referências no tocante à alfabetização e ao letramento: Magda Soares e Paulo Freire. Apesar de não citar o termo letramento, a ideia de Paulo Freire sobre a alfabetização explicita algo mais do que apenas a decodificação de signos. Já Magda Soares apresenta preocupação em relação à perda dessa especificidade da alfabetização em detrimento do surgimento das práticas de letramento. Esta pesquisa se justifica por ser relevante e buscar contribuir para a melhoria do processo de alfabetização, que atualmente é um dos maiores desafios enfrentados no país.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Letramento. Anos iniciais. Magda Soares. Paulo Freire.

ANALYSIS OF THE IMPORTANCE OF READING IN THE LITERACY PROCESS IN THE CONCEPTION OF MAGDA SOARES AND PAULO FREIRE

ABSTRACT: The aim of this paper is to analyse the importance of reading in the literacy process of children in early years. Some elements are essential in the literacy process, including writing and reading. The reading has been particularly visible in recent years, as the importance of reading, understanding and using writing in different situations is perceived. In addition, understanding how to improve this process in the early years is a guarantee that the child will develop using its full potential throughout its school career.

¹ Especialista em Práticas em Letramento e Alfabetização pela Universidade Federal de São João del Rey (UFSJ). Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes (UCAM).

² Pesquisadora Visitante no Centre for Health Services Studies (CHSS), University of Kent, Reino Unido. Doutoranda em Administração na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Bibliographic research was used to achieve the research objectives. Publications of two major references regarding literacy were analyzed: Magda Soares and Paulo Freire. Despite not mentioning the term literacy, Paulo Freire's idea of literacy makes it more than just the decoding of signs. Magda Soares, on the other hand, is concerned about the loss of this specificity of literacy at the expense of the emergence of literacy practices. This research is justified because it is relevant and seeks to contribute to the improvement of the literacy process that is currently one of the biggest challenges faced in the country.

KEYWORDS: Literacy. Early years. Magda Soares. Paulo Freire.

RECEBIDO EM: 21 de agosto de 2019

ACEITO EM: 22 de maio de 2020

PUBLICADO EM: junho de 2020

1 Introdução

A leitura tem tido especial visibilidade no processo de letramento nos últimos anos à medida que se percebe a importância da leitura, compreensão e utilização da escrita em diversas situações do contexto no qual os indivíduos estão inseridos. Estudos a respeito do processo de alfabetização avançaram na discussão teórica, uma vez que incluem reflexões de vários campos do conhecimento, tais como: Psicologia, Sociologia, História da Educação, Linguística, Psicolinguística, entre outros (SILVA & FERREIRA, 2007).

De acordo com Soares (2018), há elementos essenciais no processo de alfabetização: a escrita e a leitura. Uma criança que aprende a ler nos anos iniciais consegue completar o processo de alfabetização com maior rapidez. Tem-se em mente que uma criança só é completamente alfabetizada se ela é capaz de compreender aquilo que escreve, e essa compreensão vem por meio da leitura e do reconhecimento dos códigos de linguagem.

Sabe-se que a leitura é um dos elementos essenciais no processo de alfabetização. Nesse sentido, esta pesquisa se justifica por ser relevante e buscar contribuir para a

melhoria do processo de alfabetização, que atualmente é um dos maiores desafios enfrentados no país. Além disso, compreender como melhorar esse processo logo nos anos iniciais é uma garantia de que a criança se desenvolverá aproveitando todo o seu potencial em todo o seu percurso escolar.

Desse modo, o objetivo principal deste artigo é analisar a importância da leitura no processo de alfabetização de crianças de anos iniciais. Para que esse objetivo seja atingido, tem-se como objetivos específicos: realizar uma revisão bibliográfica sobre a leitura no processo de alfabetização de crianças de anos iniciais; compreender os fatores que interferem na utilização da leitura na alfabetização; analisar as consequências da inserção desse mecanismo para o desenvolvimento das crianças de anos iniciais e analisar os aspectos socioeconômicos que influenciam na utilização da leitura na alfabetização. Esses objetivos nos permitem questionar se crianças que possuem maior acesso à leitura durante a fase de alfabetização conseguem ter uma evolução nesse processo.

O objetivo da pesquisa feita para o artigo está associado aos métodos qualitativos de coleta e análise de dados. Sendo assim, a coleta de dados foi elaborada a partir de dados bibliográficos e documentais ou textos históricos (DENZIN & LINCOLN, 2006).

A pesquisa bibliográfica é a técnica de análise e interpretação de informações e dados secundários que fornecem os fundamentos teóricos e metodológicos para a reprodução do conhecimento. A pesquisa bibliográfica constitui, segundo Strumpf (2009, p. 51), um conjunto de procedimentos que tem como intuito “identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam, posteriormente, utilizados na elaboração de um trabalho acadêmico”.

Diante do que foi apresentado, entende-se que este artigo contribui para o aprofundamento das pesquisas na área de educação, especialmente para as relacionadas aos anos iniciais, que são base para todo o posterior desenvolvimento.

2 Referencial teórico

2.1 Conceituação de Letramento

Na década de 80, surge no Brasil o conceito de origem do termo *literacy*, o letramento, que diz respeito à leitura, compreensão e utilização da escrita em diversas situações. Este termo não é tão simples de compreender e causa ainda mais dúvidas. O Dicionário Houaiss (2001) define letramento como “um conjunto de práticas que denota a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito” e, assim como em diversos países, o termo serviu para nomear e reconhecer as práticas de leitura e escrita que circulam socialmente.

No Brasil, o termo letramento foi usado pela primeira vez por Mary Kato (1986) em uma obra intitulada “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”. Depois disso, muitos autores se interessaram pelo tema, tendo como consequência diversas pesquisas científicas. Segundo Kleiman (1995, p. 19), letramento é “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos”. Entende-se o conceito de letramento de forma mais ampla que o de alfabetização, pois o letramento inclui o domínio das convenções da escrita, mas também o impacto social que dele advém.

De acordo com Magda Soares (2007, p. 5), “no Brasil, os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõem e frequentemente se confundem”.

Para Soares (2007), alfabetizar é ensinar o código alfabético, e letrar é inserir o educando em diversos usos sociais da leitura e escrita.

Como afirma Soares (2007, p. 16), “a alfabetização é algo que deveria ser ensinado de forma sistemática, ela não deve ser diluída no processo de letramento”. Um conceito que está em evidência no cenário atual da educação é o de letramento, que pode ser entendido como “o processo de apropriação da cultura escrita fazendo um uso real da leitura e da escrita como práticas sociais” (SOARES, 2007, p. 24).

Sendo assim, além de se preocupar com a aquisição do sistema de escrita, a escola deve proporcionar atividades que visem ao letramento: redigir um bilhete, escrever uma carta, responder formulários, ler jornais, revistas e livros, dentre outras que fazem parte do cotidiano de uma sociedade grafocêntrica, pois a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2007). As condições para o letramento são: uma escolarização real e efetivada da população e a disponibilidade de material diversificado de leitura (SOARES, 2007).

Diante dessa nova abordagem do letramento, a Declaração de Persépolis considerou o letramento como sendo

[...] não apenas o processo de aprendizagem de habilidades de leitura, escrita e cálculo, mas uma contribuição para a liberação do homem e para o seu pleno desenvolvimento. Assim concebido, o letramento cria condições para a aquisição de uma consciência crítica das contradições da sociedade em que os homens vivem e dos seus objetivos; ele também estimula a iniciativa e a participação do homem na criação de projetos capazes de atuar sobre o mundo, de transformá-lo e de definir os objetivos de um autêntico desenvolvimento humano. (BHOLA, 1979, p. 38)

Assim sendo, Bhola (1979) pressupõe que o letramento favorece a liberdade individual e aumenta a compreensão do indivíduo a respeito do mundo que o cerca. O

letramento favorece, por exemplo, o exercício da cidadania, pois possibilita a aquisição de consciência política.

Há uma estreita relação entre letramento e escolarização. Cook-Gumperz (1991) discute essa relação fazendo um histórico da alfabetização com a escolarização. Segundo o autor, o processo de alfabetização ocorria de modo informal, em que a aprendizagem acontecia nos grupos sociais e nos mais variados ambientes. A leitura e a escrita tinham um papel recreativo e social, passando a ter valor econômico posteriormente. No século XVI, com os conflitos religiosos, houve a difusão da instrução como meio de garantir a leitura e a interpretação da Bíblia por cada fiel e, além do cunho religioso, havia também a necessidade de uma mão de obra capacitada ao trabalho.

Em consequência disso, as práticas de alfabetização, que eram ligadas ao cotidiano e intimamente relacionadas ao letramento começaram a estar a serviço de uma alfabetização de massa, distanciando o uso da leitura e da escrita das práticas cotidianas das pessoas, passando a ter um material específico para ser utilizado no processo de alfabetização.

Muitos autores argumentam que seria mais adequado falar de letramentos, no plural, e não de um único letramento (STREET, 1984), (WAGNER, 1986), (LANKSHEAR; LAWLER, 1987), pois este é um termo que envolve muitos significados.

2.2 O letramento na perspectiva de Paulo Freire

Paulo Freire utiliza o termo alfabetização com um sentido aproximado de letramento, para designar uma prática sociocultural de uso da língua escrita que vai transformando-se ao longo do tempo, segundo a época e as pessoas que a usam, podendo vir a ser libertadora. Segundo ele,

aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (FREIRE, 1987, p. 8)

A alfabetização, na perspectiva freireana, é perceptível claramente em seu método e em suas práticas, e ao decorrer da alfabetização e realização do método, podemos analisar o *letrare*, sua perspectiva, como um conjunto em que dificilmente alfabetização, letramento e características histórico-culturais estão dissociados.

Para Freire (1985), o processo de alfabetização caracteriza-se no interior de um projeto político que deve garantir o direito a cada educando de afirmar sua própria voz, pois, segundo o autor,

a alfabetização não é um jogo de palavras; é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos (...). A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra. (FREIRE, 1985, p. 14).

O conceito de alfabetização para Paulo Freire tem um significado mais abrangente, na medida em que vai além do domínio do código escrito, pois, enquanto prática discursiva, “possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social” (FREIRE, 1991, p. 68 apud GADOTTI, 2010).

Amaral (2002) ressalta que a reflexão sobre a prática de alfabetizar letrando, partindo de temas que questionam a realidade, traz outro conceito muito importante na teoria de Paulo Freire: o diálogo, como um método para uma educação problematizadora. Contudo, Soares (2007) não concorda com a identificação de Paulo Freire com um método de alfabetização, mais especificamente, com um método de alfabetização de adultos,

afirmando que isso parece uma incorreção e uma redução: a) Primeiro, uma incorreção, pois se atribui a método o sentido restrito que essa palavra tem no vocabulário pedagógico; b) Segundo, uma redução, pois se restringe o pensamento de Paulo Freire à criação de um método de alfabetização.

Soares (2007, p. 119) entende que Paulo Freire criou uma concepção de alfabetização “como prática da liberdade, educação como conscientização”. Portanto, a concepção do conceito de alfabetização está além da criação de um método analítico-sintético de ensinar a ler e a escrever, pois é um meio de democratização da cultura e uma oportunidade de reflexão sobre o mundo e a posição e lugar do homem (SOARES, 2007).

Magda Soares descreve que a concepção de alfabetização que Paulo Freire criou transforma o material com que se alfabetiza, o objetivo com que se alfabetiza e as relações sociais em que se alfabetiza:

a) em relação ao material, além de selecionar palavras do universo vocabular dos alfabetizandos, as palavras selecionadas são aquelas que possuem significado social, cultural, político e vivencial.

b) o objetivo se transforma de alfabetização como aprendizado de técnicas do ler e do escrever, para alfabetização como tomada de consciência, como meio de superação de uma consciência ingênua e conquista de uma consciência crítica.

c) nas relações sociais, o alfabetizando não é considerado apenas como aluno, mas como participante de um grupo; o alfabetizador considerado não como professor, mas como coordenador de debates; a interação entre coordenador e participantes considerada não como aula, mas como diálogo.

Segundo Freire (1996), é fundamental que se saiba que a postura do professor e dos alunos é “dialógica”, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou

enquanto ouve. A aula deve ser um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Por isso, os alunos devem cansar, não dormir.

[...] o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem mas sabem que sabem. (FREIRE, 2009, p. 60)

Na perspectiva freireana, os seres humanos possuem consciência de seu aprendizado, ou seja, eles sabem que sabem, e a consciência desse aprendizado é importante, pois reflete o ser humano diante do mundo. De acordo com Freire (1983), a alfabetização é um ato criador, no qual o analfabeto apreende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever, preparando-se para ser o agente desta aprendizagem. E consegue fazê-lo na medida em que a alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Segundo o autor, a alfabetização compreende o entendimento do que se lê e se escreve. É comunicar-se graficamente, implicando não em uma memorização mecânica das sentenças, das palavras, das sílabas, desvinculadas de um universo existencial, mas uma atitude de criação e recriação.

Apesar de não citar o termo letramento, a ideia de Paulo Freire sobre a alfabetização, de algo mais do que apenas a decodificação de signos, demonstra que o autor tem conhecimento de que na atualidade tem havido mudanças no paradigma da alfabetização que indicam que não basta a pessoa dominar a “tecnologia de ler e escrever” (SOARES, 2018), mas que se espera que ela seja um leitor atento, eficaz, curioso, capaz de interpretar e de se transformar através da leitura e da escrita.

Utilizando-se da descrição que Freire (1983) faz da consciência crítica e consciência ingênua, Amaral (2002, p. 17) descreve que

se a alfabetização numa perspectiva crítica pretende proporcionar o amadurecimento da consciência no sentido de desmistificar a realidade vivida, deve problematizar os conflitos, as diferenças, as contradições e o antagonismo de classes existentes na sociedade. É esta reflexão crítica, feita através do diálogo, que levará os educandos a reconhecerem as ideologias, a perceberem o caráter histórico e mutável das relações sociais e, portanto, assumirem-se como sujeitos na construção de si mesmos e da realidade. (AMARAL, 2002, p. 17)

Amaral (2002) reforça a percepção de Paulo Freire de que a consciência crítica é importante na formação do ser humano, uma vez que possibilita a percepção da dinâmica das relações sociais. Ao perceberem esta dinâmica das relações sociais, os seres humanos assumem o protagonismo na sociedade. É por isso que Freire (2001) acredita que os alfabetizados devem se engajar criticamente na montagem de seu sistema de sinais gráficos, enquanto sujeitos dessa montagem, e não enquanto objetos dela.

Nesse sentido, observa-se o letrar na visão freireana, pois se deve realmente ter o conhecimento, não como seres passivos, mas compreendedores em uma real necessidade de aprendizagem da linguagem e da escrita, necessidade esta que se demonstra como algo da realidade, da vida social, e também como seres fazedores, demonstrando que se deve usar a escrita, e que esta é uma necessidade social desde sua aquisição. Estes fatos reforçam o que a maioria de estudiosos tem concluído sobre o letramento, que seria para as necessidades de utilização de escrita e leitura exigidas pela sociedade e de importância nas várias práticas sociais.

Paulo Freire, além de expressar características do letramento amplamente aceitas, as ultrapassa. O aprendizado deve realizar-se visando o ser não como passivo, mas como sujeito ativo, e também se deve valorizar o social, o histórico, e a ação de seres transformadores. O letramento tradicional pode ter como foco o acesso a várias fontes escritas, desvalorizando os que não têm acesso, desconsidera-os como iletrados, incultos, pessoas “ignorantes absolutos”, em que os menos favorecidos são ignorantes por não

saberem algo, e os das classes populares são cultos por saberem alguma coisa (PINTO, 1989, p. 61). Paulo Freire ultrapassa essa noção ingênua de letramento e demonstra que mesmo pessoas com pouco acesso à leitura, possuem conhecimento da linguagem e letramento de vida em uma perspectiva construtivista.

Em questão de política, o letramento se torna a leitura de mundo, por ela qualquer homem tem um letramento e sabe alguma coisa, assim como Tfouni focaliza os aspectos sócio históricos do homem: “enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de uma sociedade” (TFOUNI, 1995, p. 20 apud COLLELO). Reforçando esse aspecto “sensível” e humano, Magda Soares (2018, p. 8) expõe que “letramento é, sobretudo, um mapa do coração do homem, um mapa de quem você é, e de tudo que pode ser.” Paulo Freire observa esse mapa da condição de oprimido do ser, que passa pela leitura de mundo e reflexão das causas sociais, que leva a uma conscientização, a um pensar certo, a uma real leitura de mundo e das condições de vida.

Percebe-se que o letramento defendido por Freire é diferente do tradicional, é um modelo ideológico. Segundo Street, citado por Kleiman (1995, p. 38), o letramento ideológico “não se trata simplesmente de aspectos da cultura letrada, mas estruturas de poder da sociedade, e Paulo Freire foca nas lutas sociais, educação como prática de liberdade, alfabetização e letramento que ultrapasse as práticas sociais e relações de poder”.

2.3 O letramento na concepção de Magda Soares

Segundo Soares (2018), por volta de 1980 é que surge o letramento no Brasil, conhecido como *illettrisme*, na França, e *literacia*, em Portugal, nomeando fenômenos

distintos daquele já conhecido como alfabetização. Ainda segundo Soares, a palavra *literacy* (*letramento*) se encontrava nos dicionários dos Estados Unidos desde o final do século XIX, contudo, o letramento naquele país também teve início na década de 1980 com sentido diferente dos descritos nos termos *reading instruction* e *beggining literacy* (SOARES, 2006).

É relevante ressaltar que data aproximadamente da mesma época a proposta da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) de ampliação do conceito de *literature* (literatura) para *functionally* (literatura funcional). Há uma diferença substancial no grau de ênfase posta nas relações entre as práticas sociais de leitura e de escrita e a aprendizagem no sistema de escrita, ou seja, entre o conceito de letramento e o conceito de alfabetização.

[...] nos países desenvolvidos, ou do Primeiro Mundo, as práticas sociais de leitura e de escrita assumem a natureza de problema relevante no contexto da constatação de que a população, embora alfabetizada, não dominava as habilidades de leitura e de escrita necessárias para uma participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua escrita. Assim, na França e nos Estados Unidos, para limitar a análise a esses dois países, os problemas de *illettrisme*, de *literacy/illiteracy* surgem de forma independente da questão da aprendizagem básica da escrita. (SOARES, 2004)

Um exemplo desse fenômeno ocorreu nos Estados Unidos, onde o foco em problemas de *literacy/illiteracy* foi constatado no início dos anos de 1980, como resultado da verificação, feita sobretudo em avaliações realizadas no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980 pela *National Assessment of Educational Progress* (NAEP), de que jovens graduados na *high school* não dominavam as habilidades de leitura requeridas em práticas sociais e profissionais que envolvem a escrita (KIRSCH & JUNGEBLUT, 1986, p. 2). Neste caso, as discussões, relatórios, publicações não apontam relações entre as dificuldades no uso da língua escrita e a aprendizagem inicial do sistema de escrita – a

reading instruction, ou a *emergent literacy*, a *beginning literacy*; assim, Kirsch e Jungeblut, como conclusão da pesquisa sobre habilidades de leitura da população jovem norte-americana, afirmam que o problema não estava na *illiteracy* (no não saber ler e escrever), mas na *literacy* (no não-domínio de competências de uso da leitura e da escrita) (SOARES, 2006).

Soares (2004, p. 86) define letramento escolar como “um conceito restrito e fortemente controlado, nem sempre condizente com as habilidades de leitura e escrita e as práticas sociais necessárias fora das paredes da escola”. Segundo a autora, a relação entre letramento e escolarização controla muito mais do que expande as práticas de letramento, já que desconsidera as práticas de leitura e de escrita vividas fora do espaço escolar. Para ela, é impossível definir letramento em um único conceito, pois estudos históricos como em Graff (1994) e Chartier (1996) documentam as mudanças de concepção de letramento ao longo dos tempos, dependendo das crenças, dos valores e da história social de cada grupo. Como exemplo disso, era a crença de que ter a habilidade de ler e escrever o próprio nome já era uma comprovação de letramento. Ressalta-se que, apesar do enfoque dado neste artigo à importância da leitura, outros estudos também se concentram em compreender e analisar a influência da escrita no processo de ensino-aprendizagem.

Soares (2018) afirma que no Brasil o despertar para a importância e a necessidade de habilidades para o uso competente da leitura e da escrita tem sua origem vinculada à aprendizagem inicial da escrita, desenvolvendo-se basicamente a partir de um questionamento do conceito de alfabetização. Assim, ao contrário do que ocorre em países do Primeiro Mundo, como exemplificado com França e Estados Unidos, onde a aprendizagem inicial da leitura e da escrita da alfabetização mantém sua especificidade no contexto das discussões sobre problemas de domínio de habilidades de uso da leitura e da

escrita – problemas de *letramento* – no Brasil, os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, desse modo, frequentemente se confundem.

O aprofundamento do conceito de letramento dentro do conceito de alfabetização pode ser verificado ao analisar fontes como os censos demográficos, a mídia, a produção acadêmica. Observa-se uma modificação do conceito de alfabetização nos censos demográficos, ao longo das décadas, o que permite identificar uma progressiva extensão desse conceito (SOARES, 2004). Até o Censo de 1940, havia o conceito de *alfabetizado*, aquele que declarasse saber ler e escrever, o que era interpretado como capacidade de escrever o próprio nome. Já no Censo de 1950, o mesmo conceito dizia respeito àquele capaz de ler e escrever um bilhete simples, ou seja, capaz de não só saber ler e escrever, mas de já exercer uma prática de leitura e escrita, ainda que bastante trivial (SOARES, 2004).

Atualmente, os resultados do censo têm sido frequentemente apresentados, sobretudo nos casos das Pesquisas Nacionais por Amostragem de Domicílios (PNAD), pelo critério de anos de escolarização, em função dos quais se caracteriza o nível de *alfabetização funcional* da população, ficando implícito nesse critério que, após alguns anos de aprendizagem escolar, o indivíduo terá não só aprendido a ler e a escrever, mas também a fazer uso da leitura e da escrita. Verifica-se uma progressiva, embora cautelosa, extensão do conceito de alfabetização em direção ao conceito de letramento: do saber ler e escrever em direção ao ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita.

O mesmo se verifica quando se observa o tratamento que a mídia dá, particularmente, ao longo da década de 90, às informações e notícias sobre alfabetização no Brasil. Já em 1991, a *Folha de S. Paulo*, ao divulgar resultados do censo então realizado, após declarar que, pelos dados, apenas 18% eram analfabetos, acrescenta: “mas o número de desqualificados é muito maior” (SOARES, 2004). *Desqualificados*, segundo a

matéria, eram aqueles que, embora declarando saber ler e escrever um bilhete simples, tinham menos de quatro anos de escolarização, sendo, assim, *analfabetos funcionais*. Durante toda a última década e até hoje, a mídia vem usando, em matérias sobre competências de leitura e escrita da população brasileira, termos como *semianalfabetos*, *iletrados*, *analfabetos funcionais*, ao mesmo tempo que vem sistematicamente criticando as informações sobre índices de alfabetização e analfabetismo que tomam como base apenas o critério censitário de saber ou não saber “ler e escrever um bilhete simples” (SOARES, 2004). Desse modo, a mídia vem assumindo e divulgando um conceito de alfabetização que o aproxima do conceito de letramento.

Além disso, também se observa que na produção acadêmica brasileira, alfabetização e letramento estão quase sempre associados. Uma das primeiras obras a registrar o termo letramento, *Adultos não-alfabetizados: o avesso do avesso*, de Leda Verdiani Tfouni (1988), aproxima alfabetização e letramento, o que também pode ser encontrado em outro livro da mesma autora: *Letramento e alfabetização* (1995).

Essa mesma aproximação entre os dois conceitos aparece na coletânea organizada por Roxane Rojo, *Alfabetização e letramento* (1998), na obra de Ângela Kleiman, na coletânea que organiza, *Os significados do letramento* (1995), em que discute o conceito de letramento tomando como contraponto o conceito de alfabetização, e os dois conceitos se alternam ao longo dos textos da coletânea. E Magda Soares, no livro *Letramento: um tema em três gêneros* (2018) o conceitua, confrontando alfabetização e letramento. Sobre o letramento na produção acadêmica, Soares (2018) afirma que “embora a relação entre alfabetização e letramento seja inegável, além de necessária e até mesmo imperiosa, ela, ainda que focalize diferenças, acaba por diluir a especificidade de cada um dos dois fenômenos”.

De qualquer forma, é inegável que uma etapa importante e necessária na aprendizagem é a do letramento. Soares afirma que:

(..) a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhes são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, é analfabeta, pois ainda não aprendeu a ler, mas já entrou no mundo do letramento, e já é de certa forma letrada. (SOARES, 2006, p. 24)

A diferença dessa criança para a que já é alfabetizada é que esta já está inserida no processo, já desenvolve a capacidade de usar a linguagem escrita e ler, com certa competência, textos de gêneros variados. Esses seriam os primeiros contatos da criança com a leitura.

Segundo Soares (2018), “a *alfabetização*, como processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica, foi de certa forma obscurecida pelo *letramento*”, uma vez que este acabou por frequentemente prevalecer sobre aquela, fazendo com que ela perdesse a sua especificidade. Contudo, defender a especificidade do processo de alfabetização não significa dissociá-lo do processo de letramento. A respeito disso, Soares (2006) coloca: o que parece estar ocorrendo atualmente é que a percepção que se começa a ter, de que se as crianças estão sendo, de certa forma, *letradas* na escola, não estão sendo *alfabetizadas*, o que parece estar conduzindo à solução de um retorno à alfabetização como processo autônomo, independente do letramento e anterior a ele. É o que ela considera ser uma *reinvenção* da alfabetização, que é ao mesmo tempo *perigosa*, se representar um retrocesso a paradigmas anteriores, com perda dos avanços e conquistas das últimas décadas, e, ao mesmo tempo, necessária, se representar a recuperação de uma faceta fundamental do processo de ensino e de aprendizagem da língua escrita.

Magda Soares (2004), em seu livro *Letramento: um tema em três gêneros*, discute esse conceito com o objetivo de esclarecer o(s) seu(s) significado(s). Trazendo uma interpretação de que o letramento altera as condições cognitivas – pensa diferente, adquire habilidade metacognitiva, políticas e sociais, relaciona-se diferentemente no contexto cultural – e linguísticas – passa a se expressar de modo diferente e utiliza a linguagem em suas diversas possibilidades - do indivíduo, a autora nos remete a duas dimensões do letramento, uma individual e outra social.

A dimensão individual do letramento se refere aos processos e habilidades cognitivas e metacognitivas envolvendo a leitura e a escrita. Deste modo, a autora supracitada faz uma observação importante ao afirmar que

ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e a escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificarem língua escrita e a de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua “propriedade”. (SOARES 2004, p. 39)

Em outras palavras, apropriar-se da escrita é utilizá-la de forma efetiva em situações do cotidiano e assumi-la como forma de expressão e comunicação com outros indivíduos. Especialmente na era digital e com o uso constante de aplicativos de celular, apropriar-se da escrita é essencial para a superação do isolamento e a inserção do indivíduo no mundo digital.

A outra dimensão abordada por Soares (2004) é a dimensão social do letramento, a qual considera o mesmo uma prática social, ou seja, o uso que as pessoas fazem das habilidades de leitura e escrita em um determinado contexto, relacionando-as com suas necessidades, valores e intenções.

Um conceito liberal subjaz à dimensão social do letramento, o qual evidencia a crença de que consequências altamente positivas advêm dele, sendo estas explicitadas por Soares (2004, p. 74) como:

O uso de habilidades de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como um responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional, cidadania. (SOARES, 2004, p.74)

Diferenciando-se dessa perspectiva, a interpretação revolucionária ou radical não considera o letramento como um “instrumento” neutro a ser usado em práticas sociais, sendo essencialmente um conjunto de práticas socialmente construídas que envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçarem ou questionarem valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais.

3 Considerações finais

Com o advento do conceito de letramento no Brasil, houve inúmeras interpretações, e variados equívocos foram transmitidos. Uma grande preocupação citada por Magda Soares (2004), em diversos artigos, é com relação à perda dessa especificidade da alfabetização em detrimento do surgimento das práticas de letramento.

A especificidade da alfabetização citada acima por Magda Soares se refere à apropriação do sistema de escrita alfabético e ortográfico, que demanda uma série de conhecimentos e reflexões do sujeito sobre a língua.

Apesar de não citar o termo letramento, a ideia de Paulo Freire sobre a alfabetização de algo mais do que apenas a decodificação de signos demonstra que o autor

tem conhecimento de que na atualidade tem havido mudanças no paradigma da alfabetização as quais indicam que não basta a pessoa dominar a “tecnologia de ler e escrever” (SOARES, 2018).

O que havia anteriormente era uma excessiva ênfase nessa especificidade da alfabetização, em que a autonomização das relações entre o sistema fonológico e o sistema gráfico em relação às demais aprendizagens na área da leitura e da escrita era exclusivamente explorada.

Portanto, ao invés de diminuir a excessiva especificidade da alfabetização, houve um desaparecimento de práticas que a exploravam, embora tão necessárias para a apropriação do sistema de escrita, abrindo espaço para as práticas de letramento.

Embora Freire não tenha citado o letramento de forma explícita, pode-se analisar o letrar e sua perspectiva como um conjunto em que dificilmente alfabetização, letramento e características histórico-culturais estão dissociados. Por fim, este artigo contribui para a pesquisa em alfabetização à medida em que discute o letramento, um tema atual que tem tido bastante visibilidade nos últimos anos.

Referências

AMARAL, C. W. do. **Alfabetização numa perspectiva crítica**: análise das práticas pedagógicas. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 2002.

ALBUQUERQUE, E. B. C. Conceituando alfabetização e letramento. *In*: SANTOS, C. F. **Alfabetização e Letramento**: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ALLIENDE, F.; CONDEMARÍN, M. **A leitura**: teoria, avaliação e desenvolvimento. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ANDRADE, M. A. S. G. **Caderno de atividades**. 3. ed. Fortaleza: Seduc, 2009.

ARRUDA, M. R. B. **Alfabetização e letramento na EJA**: para além dos muros da escola. 2009. Disponível em: <http://www.infoeducativa.com.br/imprimir.asp?id=121>. Acesso em: 20 abr. 2013.

BHOLA, H. S. **Evaluating Functional Literacy**. Amershan: Hulton Educacional Publications, 1979.

CARVALHO, M. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CHARTIER, R. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

COLLELO, S. M. G. **Alfabetização e Letramento**: Repensando o Ensino da Língua Escrita. Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur29/silvia.htm>. Acesso em: 27 mar. 2013.

COOK-GUMPERZ, J. (org.) **A construção social da alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRO, E. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002.

FERREIRO, E. Alfabetização, letramento e construção de unidades linguísticas. *In*: **Seminário Internacional de Leitura e Escrita – Letra e Vida**, promovido pela Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo, 2005.

FREIRE, P.; BETTO, F. **Essa escola chamada vida**: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 11. ed., 3. imp. São Paulo: Ática, 2001.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999a.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 37. ed. São Paulo: Cortez, 1999b.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e terra. 2005.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

GADOTTI, M. **Alfabetização e letramento**: como negar nossa história. Disponível em: <http://culturadigital.br/obviuss/2010/07/22/alfabetizacao-e-letramento-comonegar-nossa-historia/>. Acesso em: 02 abr. 2013.

GRAFF, H. J. **Os labirintos da alfabetização**: reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KATO, M. A. **No mundo da escrita** – uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**. São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

LANKSHEAR, C.; LAWLER, M. **Literacy, schooling and revolution**. London: Falmer, 1987.

MORAIS, A. G.; LEITE, T. S. Como promover o desenvolvimento das habilidades de reflexão fonológica dos alfabetizandos? *In*: MORAIS, A.; ALBUQUERQUE, E.; LEAL, T. **Alfabetização**: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005, pp. 71-88.

PINTO, A. V. **Sete lições sobre educação de jovens e adultos**. São Paulo, SP: Cortez, 1989.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
STUMPF, I. R.C. Pesquisa bibliográfica. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 51-61.

SILVA, L. L. M. da; FERREIRA, N. S. de A. Um livro, um evento, um tema: a alfabetização. *In*: SILVA, E. T. da (org.). **Alfabetização no Brasil**: questões e provocações da atualidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SOARES, M. B. As muitas facetas da alfabetização. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 52, p. 19-24, fev. 1985.

SOARES, M. B. Apresentação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 15-19, dez. 2002.

SOARES, M. B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 25, p. 5-16, jan./abr. 2004.

SOARES, M. B. **Alfabetização e letramento**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SOARES, M. **Entrevista concedida ao Jornal do Brasil** em 26/11/2000. Disponível em: <http://quintalmagico.com.br/educar-e/letrar-e-mais-que-alfabetizar.html>. Acesso em: 20 out. 2010.

SOARES, M. **Letramento** - um tema em três gêneros. Autêntica, 2018.

STREET. B.V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: University Cambridge, 1984.

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. **Aprender a ler e a escrever**: uma proposta construtivista. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

WAGNER. D. A. Studying literacy in Morocco. *In*: SHIEFFELLIN, B. B. e GILMORE, P. **The acquisition of literacy**: ethnographic perspectives. Norwood, NJ: Ablex, 1986.

ZABALA, A. **A prática educativa** Porto Alegre: Artmed, 1998.